

**MEMÓRIA-SONHO E MEMÓRIA-TRABALHO: OS ANCIÕES  
REMINISCENTES NAS CRÔNICAS DE MILTON HATOUM**

**MEMORY-DREAM AND MEMORY-WORK: THE OLD MEN REMINISCENT  
IN THE MILTON HATOUM'S CHRONICLES**

Luan Paredes Almeida Alves<sup>1</sup>  
Walnice Aparecida Matos Vilalva<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho se propõe a analisar a cronística do escritor contemporâneo Milton Hatoum. A partir da leitura da coletânea *Um Solitário à Espreita* (2013), aventamos uma discussão acerca do gênero crônica, além de inquirir sobre a temática principal deste trabalho: a memória. Para isso, analisaremos a configuração memorialística de duas crônicas: *Um jovem, o Velho e um livro*, de 2006, e *Dormindo em pé, com meus sonhos*, de 2009. As duas narrativas possuem personagens anciões reminiscentes, mas com configurações memorialísticas que divergem entre si. Entrementes, perquiriremos as acepções de memória e a forma como elas se dão na *diegese* das crônicas hatounianas. Boa parte da fundamentação deste trabalho no que diz respeito às reminiscências deu-se sob a égide dos estudos de Bergson (2011), Halbwachs (2006) e Bosi (1994), sendo esta última, em sua obra *Memória e Sociedade*, uma grande pesquisadora no que diz respeito ao tipo de memória que se faz presente nas recordações de pessoas idosas. Os questionamentos levantados por essa teórica foram a base para o desenvolvimento desta pesquisa.

**Palavras-chave:** Milton Hatoum; *Um Solitário à Espreita*; Crônicas; Memória.

**Abstract:** This paper proposes to analyze the chronicle of the contemporary writer Milton Hatoum. From the reading of the collection *Um Solitário à Espreita* (2013), we present a discussion about the chronic genre, in addition to inquire about the main theme of this work: the memory. For that, we will analyze the memorialistic configuration of two chronicles: *Um jovem, o Velho e um livro*, of 2006, and *Dormindo em pé, com meus sonhos*, of 2009. The two narratives have old characters reminiscent, but with memorialistic configurations that diverge between them. In the meantime, we will explore the meanings of memory and how they occur in the *diegesis* of the Hatounian chronicles. Much of the reasoning for this work with regard to the reminiscences came under the aegis of Bergson (2011), Halbwachs (2006) and Bosi (1994) studies, the latter being in her work *Memória e Sociedade*, a great researcher with regard to the type of memory that is present in the memories of elderly people. The questions raised by this theoretical were the basis for the development of this research.

**Keywords:** Milton Hatoum; *Um Solitário à Espreita*; Chronicles; Memory.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/PPGEL), Câmpus Universitário "Professor Eugênio Carlos Stieler". E-mail: luanparedes21@gmail.com

<sup>2</sup> Docente da pós-graduação *Stricto Sensu* em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário "Professor Eugênio Carlos Stieler". E-mail: walnicev@gmail.com

No afã das pesquisas recentes em literatura contemporânea, as produções de Milton Hatoum aparecem como um *corpus* de grande interesse no meio acadêmico. Inúmeros trabalhos envolvendo a obra desse autor são produzidos todos os anos na forma de artigos, monografias, dissertações e teses. Percebe-se, também, que muito se comenta sobre os romances desse escritor, a saber: *Relato de um certo oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005), *Órfãos do Eldorado* (2008) e *A Noite da Espera* (2017). Contudo, quando saímos da esfera dos romances e passamos para os contos e crônicas, essa assertiva muda de figura.

Nesse contexto de perspectivas inéditas, este trabalho surge para contrapor a atual tendência. Nossos objetos de análise não serão os romances, mas as crônicas reunidas na coletânea *Um Solitário à Espreita* (2013). Iniciaremos com uma discussão sobre o gênero crônica, ressaltando as controvérsias e conceitos que envolvem a pesquisa nessa modalidade. Após findar essas questões, passaremos para a análise das principais correntes teóricas relacionadas à memória e, posteriormente, faremos a perquirição de duas crônicas de Hatoum: *Um jovem, o Velho e um livro*, publicada em 2006, e *Dormindo em pé, com meus sonhos*, publicada em 2009. Nesse afunilamento que partiu do gênero e da obra, chegaremos aos meandros da memória; mais precisamente, aos meandros da memória de velhos.

A pergunta crucial que nos serve de fio condutor para a problemática da memória gira em torno da indagação feita por Ecléa Bosi na obra *Memória e Sociedade*. Basicamente, a autora, ao estudar e comparar dois teóricos franceses, Bergson e Halbwachs, acaba suscitando uma dúvida quanto ao tipo de memória presente em anciões. Disso surge a dicotomia memória-sonho e memória-trabalho. Ambas são válidas dentro dos seus respectivos vieses, no entanto, como são opostas em alguns sentidos, tornam-se difíceis de priorizar. Entrementes, tentou-se aqui elucidar essa dúvida por meio da análise de duas crônicas que lidam com a memória de idosos. Desse apanhado de ponderações sobre gênero e memória, averiguamos qual tipo predomina – indagações e postulados à parte que serão deslindados nos entremeios deste trabalho.

## **CRÔNICAS, CONTROVÉRSIAS E PREMÊNCIAS**

A literatura enquanto movimento estético modificou-se muito ao longo do tempo. Desde o surgimento das grandes epopeias no período clássico, perpassando o aparecimento dos primeiros indícios do que viria a ser o romance, até chegar aos nossos dias, inúmeros gêneros literários se assomaram. Alguns tiveram uma vida efêmera, logo foram esquecidos ou se ajustaram a um novo formato; outros, caíram no gosto popular e permanecem até hoje. A crônica faz parte deste último grupo. Surgiu, transfigurou-se,

teve seus altos e baixos, mas continua viva. No entanto, as concepções acerca desse gênero não são unânimes. Taxada de híbrida ou como subliteratura, as discussões sobre essa modalidade textual perpassam uma torrente de controvérsias que se estendem *ad infinitum*.

Segundo D'onofrio (1995), a palavra crônica tem seu étimo ligado ao vocábulo grego *Khronos*, que significa tempo. Em linhas gerais, uma crônica é um gênero literário que possui a concisão como principal característica e que, normalmente, é veiculada em jornais, revistas e afins. De maneira descompromissada, o cronista se apossa de informações cotidianas recentes e as transformam em críticas, comentários, denúncias, chistes, anedotas etc. Conforme Candido (2003, p. 89), esse gênero “se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente, porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural”. Esse conjunto de características dotam essas produções de uma envergadura bem mais acessível ao grande público, além de dar mais flexibilidade aos liames que a tornam parte literária, parte jornalística.

É importante aqui fazermos um adendo quanto à utilização da palavra “gênero”. Discutir a fundo o seu uso não seria algo intuitivo e, provavelmente, fugiria ao nosso propósito. No entanto, devido a algumas controvérsias em torno dessa nomenclatura, torna-se premente a sua explanação. Utilizamo-nos desse termo para classificar as crônicas em consonância com alguns teóricos que as nomeiam assim, a saber: Candido (2003), Coutinho (1997) e Ferreira (2005). Não obstante, dependendo do prisma teórico, seria preferível outra classificação. Quando retomamos o ideário clássico de gênero, pautado na tipologia aristotélica, na *Poética*, caímos na velha tríade composta pela divisão em épico, lírico e dramático. Essa é a base que compõe a maioria das teorias que envolvem gêneros na literatura.

Para Bakhtin (1997, p. 284), gênero é um tipo de enunciado “relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico”. Essas três características são indissociáveis. Caso um texto tido como uma tese de doutorado, por exemplo, tivesse toda a sua estrutura composicional como a de um soneto, provavelmente teríamos aí um caso de subversão à nomenclatura. No que concerne ao âmbito literário, essas barreiras são instáveis. Nada impede que um conto apresente tema, estilo e estrutura semelhantes à crônica, o que, aliás, ocorre com frequência. É comum encontrar teóricos que definem essas modalidades não como gênero, mas como espécie, as quais podem ter duas formas (prosa e verso), além de estar sob a égide dos três gêneros supramencionados.

Conceituações à parte, optamos por um aporte teórico que utiliza o termo gênero associado à própria manifestação literária, e não a sua classificação seguindo moldes clássicos, e que a subloca para outras terminologias, como no caso dos pesquisadores e críticos que se fundamentam no pensamento peripatético. Conquanto, mesmo tendo

deslindado as questões relacionadas à nomenclatura, o nosso objeto de estudo ainda carece de conceituações no que tange à sua função e hibridismo. Dentro das controvérsias, o fato de a crônica estar também inserida no meio jornalístico fez com que alguns estudiosos, como Coutinho (1997), a colocassem como um gênero não-literário. Nesse sentido, Lima (1990) vai de encontro a esse posicionamento, justificando-se pela riqueza temática de que os cronistas dispõem.

O jornalismo, por conseguinte, tem todos os elementos que lhe permitem a entrada no campo da literatura, sempre que seja uma expressão verbal com ênfase nos meios de expressão, e com todos os riscos e perigos, que possa produzir em outros gêneros seus companheiros, ou que os outros nele possam produzir, quando desviados de sua natureza própria. (LIMA, 1990, p. 23-24 *apud* FERREIRA, 2005, p. 30).

Faz-se necessário não enveredarmos pela longa discussão que envolve os limites entre jornalismo e literatura. O próprio teórico mencionado coloca balizas entre a obra totalmente ficcional e o texto que se faz crítica do cotidiano não-fictício. Além disso, o escritor cujas crônicas nos servem de objeto de análise não possui uma produção voltada aos comentários acerca de fatos recentes, o que normalmente vemos nos estudos sobre esse objeto. No caso de Hatoum, suas crônicas são mais literárias, podendo até ser confundidas com outros gêneros. Essa flexibilidade é firmada pelo escritor ao declarar que seus textos “podem ser lidos como crônicas, contos ou breves recortes da memória” e, subsequentemente, que “não poucas vezes o gênero literário depende da expectativa do leitor” (HATOUM, 2013, p. 9). Tal autonomia estilística fortalece ainda mais a visão de que essa modalidade textual possui fronteiras tão voláteis quanto a sua definição.

## **AS MEMÓRIAS EM ESTUDO: EVOCAÇÃO E LABUTA**

A memória é um elemento quase indissociável da prosa de Milton Hatoum. Narrativas contadas em retrospecto, menções ao ato de rememorar, lembranças da juventude, todas essas possibilidades de se lidar com as reminiscências são visíveis no estilo do escritor amazonense. A velhice também é uma marca das obras hatounianas — vide o personagem Halim, de *Dois Irmãos*, e Arminto Cordovil, de *Órfãos do Eldorado*, ambos anciões que prezam pela reconstituição do passado. Essa espécie de memória relacionada aos mais velhos também aparece inúmeras vezes nas crônicas do escritor, atestando ainda mais a predominância desse tipo de personagem em suas obras.

No que tange aos estudos relativos à memória de velhos, a teórica Ecléa Bosi foi uma das maiores especialistas nesse assunto. O capítulo inicial da sua obra *Memória e Sociedade* traz algumas ponderações acerca dos pensamentos dos teóricos franceses Henri Bergson e Maurice Halbwachs. Entrementes, a autora, ao fazer algumas relações

entre as teorias existentes sobre memória e o seu trabalho envolvendo idosos, acaba por interpelar o seguinte questionamento: “A memória do velho é uma evocação pura, ‘onírica’, do passado (a memória por excelência de Bergson) ou um trabalho de refacção deste?” (BOSI, 1994, p. 60). Uma pergunta crucial que resultará num jogo dialético entre as definições dos dois estudiosos basilares que fundamentam a pesquisa da autora.

Ecléa Bosi também tenta, em seu trabalho, compreender a fenomenologia da memória por intermédio de um cabedal composto por alguns sociólogos, psicólogos e filósofos. De fato, o conceito de memória não é unívoco. Cada autor dimanado pela pesquisadora traz ponderações que, em muitos casos, divergiam de outros. Bergson (2011), por exemplo, percebe a memória em oposição à matéria, dando atenção à maneira como o fenômeno da lembrança se distancia das percepções de mundo — fenômenos díspares, mas equidistantes. Halbwachs (2006), por sua vez, vê a memória como um mecanismo social.

Por outro viés, a lembrança (*souvenir*), para Henri Bergson (2011, p. 8), é o “ponto de interseção entre o espírito e a matéria”. Desse encontro entre partes opostas, a memória vem à tona. No mesmo momento em que temos acesso à lembrança, esta sofre interferência das nossas percepções. O passado é conservado e se dá por meio de imagens-lembranças, contudo, ele é influenciável pelo presente e não surge de maneira homogênea. Daí vem a bifurcação: memória-hábito e lembrança-pura. Enquanto aquela se pauta nos mecanismos motores, na retenção de ações repetidas cotidianamente e que compõem o âmago das informações que aprendemos ao longo da vida; esta é singular, momentânea e fugidia. Essas duas memórias formam a base do pensamento bergsoniano e dessa confluência resultará parte da indagação acerca do uso dessas memórias na pesquisa de Bosi, como foi comentado:

Daí uma pergunta: os velhos, para os quais a ação planejada e os novos aprendizados já não são mais necessidade tão prementes, não seriam, por acaso, presas alternativas ora da memória hábito, ora da memória sonho? O seu cotidiano não se transformaria, a ser justa a hipótese de Bergson, em uma rede de evocações espontâneas e distantes, mas atadas pelos pontos de um automatismo senil, cada vez mais rígido? Em outros termos: o velho carrega em si, mais fortemente tanto a possibilidade de evocar quanto o mecanismo da memória, que já se fez prática motora. O velho típico já não aprenderia mais nada, pois sua vida psicológica já estaria presa a hábitos adquiridos, inveterados; e, em compensação, nos longos momentos de inação, poderia perder-se nas imagens-lembranças. (BOSI, 1994, p. 49).

Bergson é um teórico relativamente hermético. Algumas de suas teorias, dada a complexidade e abrangência, afetam outros campos relacionados à memória, como o próprio tempo. Para ele, a noção temporal que temos é diferente entre matéria e espírito. É usual pensarmos que a rememoração é um fenômeno retroativo, ou seja, que parte do

presente para o passado. No entanto, para Bergson (2011, p. 84), o passado estaria ligado de maneira progressiva, rumo ao presente. Seria a sua força-motriz, uma memória semovente. O corpo, como entidade que comporta o espírito, é subordinado ao passado, e é ele que influencia o nosso tempo atual e, por consequência, o nosso futuro, sendo essa memória uma fonte perene de possibilidades.

Findadas as discussões sobre a problemática das duas memórias de Bergson, a autora parte para um teórico que vai na contramão de alguns princípios do primeiro autor. Para Halbwachs (2006, p. 78), a memória é formada não pela individualidade, mas por meio de quadros sociais. Nada mais natural, dadas as influências que o sociólogo francês recebeu como epígono de Émile Durkheim. O relacionamento entre a família, a religião, a escola, os contatos em sociedade conduzem a um tipo de memória que o teórico chamará de coletiva. Todas as lembranças teriam por suporte a presença da alteridade. A lembrança-pura, postulada por Bergson, dentro do pensamento halbwachiano, seria uma exceção.

O ato de rememorar, para Halbwachs (2006, p. 71), parte de um esforço em reconstituir as experiências ocorridas no passado, não apenas de um conjunto de informações evocadas. Esse trabalho envolve sempre a participação de outrem. Mesmo que uma certa situação tenha sido vivenciada apenas por uma única pessoa, o sociólogo francês afirma que, ainda assim, a presença dos outros se faz presente, afinal eles sempre estão conosco, em pensamento. Caso esqueçamos de algo vivido dentro de uma comunidade, acabamos perdendo o liame que nos unia a essa memória coletiva. A ideia de uma memória individual chega a ser comentada pelo teórico, mas logo é descartada, posto que a pessoa que relembra precisa fazer uso da linguagem, logo precisa tomá-la de empréstimo de parte de suas experiências, as quais são construídas por meio da interação em sociedade.

Conforme Bosi (1994, p. 55), esse conjunto de postulados traria a ideia de que “a memória não é sonho, é trabalho”. Algo que vai de encontro a alguns pensamentos de Henri Bergson e dá início à problemática acerca da origem das reminiscências de velhos. A teórica não responde definitivamente essa dualidade. Antes, tenta lançar mão de vários pontos de vista que a antecederam. Isso a ajuda a dar esboço aos prolegômenos necessários para uma efetiva compreensão de alguns mecanismos da memória e, a partir disso, se aprofundar em um tipo específico: as reminiscências de idosos. No fim, para concluir o capítulo “Memória-sonho e memória-trabalho”, Ecléa Bosi finaliza suas reflexões com outra pergunta, a qual é subsequentemente respondida:

Em termos experimentais, essa dualidade de pressupostos torna muito complexa a resposta à pergunta: qual a forma predominante de memória de um dado indivíduo? O único modo correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da própria vida é o

testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória. (BOSI, 1994, p. 68).

Nesse ínterim, só seria possível compreender a memória como tal a partir da perspectiva do seu próprio detentor, pelo menos assim do ponto de vista metodológico que a autora considera como apropriado para a análise de lembranças de velho. Como no discurso literário, isso, em partes, é possível, cabe aqui o empreendimento de, com os recortes estabelecidos e as teorias trazidas por Bosi (1994), tentar deslindar a forma como a memória ocorre em crônicas de Milton Hatoum que comportam os relatos de anciões reminiscentes. Para isso, cabe perquirir tanto o enredo das narrativas selecionadas, quanto as acepções que a memória possui na *diegese* dos textos em análise. Iniciativa que pode ser realizada após esse breve resgate às teorias sobreditas.

## **A MEMÓRIA DO VELHO DA PRAÇA**

Publicada em maio de 2006, na extinta revista *EntreLivros*, a crônica que neste momento nos serve de análise afigura-se como uma das mais antigas de Milton Hatoum. De cunho marcadamente memorialista, a história de *Um jovem, o Velho e um livro* perpassa a vida de um professor aposentado que, enquanto viveu, era conhecido na região pela sua alcunha: o Velho da Praça. No início da narrativa, descobrimos que o ancião acabara de morrer e isso motiva o narrador a relatar as suas experiências com essa figura que influenciou sobremaneira a sua infância. Poucas informações são depreendidas acerca da vida desse idoso, mas o que se sabe é logo descrito na abertura da crônica:

Ontem o Velho morreu. Dizem que ele passara dos noventa anos sem perder a noção do espaço e do tempo. Sempre usava um paletó branco e encardido, na lapela um broto de antúrio que, de longe, parecia um objeto vermelho cravado no lado esquerdo do peito. De perto, o broto invocava um membro diminuto e obsceno que irradiava comentários maldosos. Sabíamos pouco de sua vida: era um professor aposentado, solteirão e invisível nas noites de Manaus. Aos sábados visitava filhos e netos de amigos, porque os amigos, mesmo, já repousavam no fundo do rio, como ele costumava dizer. (HATOUM, 2013, p. 184).

A velhice é um fenômeno caprichoso. Enquanto é comum encontrar alguns idosos que perderam a capacidade de reter na memória fatos recentes e/ou apresentam dificuldades em lembrar fatos do passado, o ancião apresentado na crônica de Milton Hatoum manteve-se saudável e usufruindo de todas as suas faculdades mentais até o fim da vida. Essa característica do personagem nonagenário foi importante para que ele se tornasse um prosador de grande aptidão e pudesse compartilhar seus conhecimentos aos mais novos. Beauvoir (1970, p. 345), no livro *A velhice*, coloca o idoso como um indivíduo

que, ao longo dos séculos, foi visto como o responsável pela conservação do passado, tudo isso por intermédio da sua memória e experiência. Algo que pode ser visto na *diegese* cronística.

Ecléa Bosi (1994) também observa a velhice dentro de uma função social. Os idosos atuam na formação dos jovens, possibilitando a eles entenderem o passado por intermédio de quem viveu aquele período. Nas palavras da autora, “é a essência da cultura que atinge a criança através da fidelidade da memória. Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desaparecem na aparência”. (BOSI, 1994, p. 75). Logo, a socialização das memórias dos mais velhos atuam na conservação de ideias e episódios que se perderiam sem o compartilhamento de histórias entre as diferentes gerações.

Nesse contexto, o ocorrido que engendra o *flashback* que compõe o cerne da crônica dá-se em uma noite de 1973, quando a tia do narrador liga para o sobrinho em São Paulo e o avisa sobre a morte do Velho e o seu enterro no dia seguinte. Após isso, temos o retorno do narrador aos seus tempos de infância em Manaus: “Então saí da festa e dos anos 1970 e caminhei na madrugada quieta do bairro paulistano ainda sem prédios, andando de volta no tempo e no espaço, lembrando as palavras do Velho na praça...” (HATOUM, 2013, p. 185). Dessa história em retrospecto, o narrador perpassa as longas e valiosas contribuições que aquele idoso anônimo ofereceu a ele durante inúmeros momentos de conversa nos logradouros manauenses. Os diálogos entre o ancião e o narrador giravam em torno de vários temas, mas o que mais se destacava eram as conversas sobre literatura nacional – mais precisamente, acerca das obras de Graciliano Ramos.

No fim da manhã eu descia a escada do Ginásio Amazonense, enrolava a manga comprida da camisa suada, afrouxava a gravata e caminhava fardado e faminto na direção do banco sombreado por um flamboyant. Então o Velho falava de uma infância maior que o mundo porque não era uma infância qualquer, e sim uma das mais poderosas e belas ficções autobiográficas da nossa literatura. Recitava com a memória de ator de teatro: a primeira lembrança era um vaso de vidro, cheio de pitombas, e em seguida as caras e palavras insensatas, e assim o Velho ia desfiando cenas e seres em tempos e lugares entrelaçados. Isso me fascinava. Quantas vidas e dramas cabiam nas páginas memorizadas pelo Velho! Quanto sofrimento e humilhação! Quantas cenas de perplexidade, dor e brutalidade! Tudo de cor e salteado, como se dizia. (HATOUM, 2013, p. 185).

A infância mencionada pelo Velho no excerto acima se remete à obra literária. No caso, *Infância*, de 1945, sexto romance de Graciliano, o qual tem por enredo a vida de um personagem dos dois anos de idade até a adolescência. Marcadamente autobiográfica, é uma das obras que compõem a *magna opera* do escritor. Outrossim, o

velho professor aposentado que frequentava as praças de Manaus era um aficionado pelo autor alagoano. Quando o interpelavam sobre o romancista, ele demonstrava forte identificação com as histórias, chegando ao ponto de se considerar parte delas: “Querem saber mais do Graciliano? Leiam *Angústia*. Assim de memória só sei pedaços de *Infância*. De tanto ler, de tanto viver... porque vim de lá, sou de lá. Fui aquele menino” (HATOUM, 2013, p. 185). Essa facilidade ao lembrar informações ao longo dos anos nos remete à memória-hábito. Essa categoria, postulada por Bergson (2011, p. 91), é um tipo de memória automática, a qual não possui a necessidade de grande esforço para vir à tona, pois já é uma ação que de tanto repetir-se, tornou-se parte integrante do remanescente. O fato de o Velho ter lido a obra várias vezes e vivido contextos semelhantes fez com que ele internalizasse partes inteiras do romance.

Provavelmente, o que mais se destaca na crônica é a acepção que o narrador dá para a memória, tendo por base uma analogia à obra *Vidas Secas*. Dentre todos os textos da coletânea, esse é o que apresenta uma definição mais direta de memória, a qual é tida como um fenômeno de caráter duvidoso e, por vezes, fragmentário. Esse tipo específico nos faz remeter à memória-trabalho, de Bosi (1994), que fora pautada nos fundamentos da teoria halbwachiana. Nesse caso, a memória insere-se como processo de refacção.

Mas há incongruência e dúvida em tudo, pois a memória não recupera o passado com exatidão: lembra e deslembra, diz e desdiz, afirma para negar ou contrariar. A memória é o lugar da hesitação e da ambiguidade: o móvel da imaginação. O movimento é sinuoso, construído por quadros que formam microcosmos, mas que se remetem a outros quadros e se relacionam com o todo. Uma técnica de montagem, arquitetura que lembra a de *Vidas Secas*. (HATOUM, 2013, p. 186).

Tratar a memória como quadros é uma característica do pensamento de Halbwach. No caso do pensador francês, a formação desses quadros se relaciona com a vivência em sociedade cuja continuidade dessas partes propiciariam o ato de rememorar (HALBWACHS, 2006, p. 35). No caso do excerto da crônica, a reminiscência, como observada, é tida como inexata. A ambiguidade torna-se parte integrante do mecanismo memorialístico, transformando, dessa maneira, o processo em algo controverso. Nessa concepção, a memória não seria dotada de uma estrutura homogênea, mas de fragmentos inter-relacionados suscetíveis a oscilações e inverdades conjecturadas pelo móvel da imaginação.

A analogia dos quadros na crônica relaciona-se a um contexto literário: a obra *Vidas Secas* e a forma como os capítulos desse romance foram feitos. Cada parte mantém certa independência das demais. Elas estão unidas apenas por um contexto e personagens em comum, mas cada capítulo poderia ser visto como um conto isolado.

Originalmente, o capítulo que engendrou a famosa obra de Graciliano foi “Baleia”. Devido ao sucesso do conto, o jornal onde Graciliano Ramos trabalhava pediu a produção de novos. Essas histórias uma por uma foram saindo a lume. Algum tempo depois, estava completo o romance.

Mais adiante, no desfecho da narrativa, o narrador ressalta a importância desse idoso em sua vida.

Ter escutado essas histórias antes de ler o livro nesse mesmo ginásio me parecia um milagre. Até o dia — era meio-dia e nossas sombras pediam trégua — em que ele trouxe o livro e ofereceu-o ao grupo de ginásianos que iam lê-lo dois anos depois. Quanto tempo, Velho. Você não foi meu professor, mas lançou ao ar palavras que nos atraíram para sempre. No centro da praça e na hora mais escaldante, você estava lá, suportando olhares e comentários: “Vai ver que está biruta ou senil, vai ver as duas coisas”. E você nem ligava para essas vozes. (HATOUM, 2013, p. 186).

A memória do Velho — cujo nome, assim como alguns personagens de *Vidas Secas*, foi omitido em troca de um epíteto que o caracterizava —, tornou-se um dos pilares para a formação do narrador. A socialização na praça durante a sua infância permitiu que ele enveredasse pelos caminhos do deleite literário, além de permitir-lhe adquirir conhecimentos e uma bagagem cultural que apenas os idosos e suas longas experiências podem fornecer, ou, pelo menos, quando se tem algum jovem com tempo e interesse para ouvi-los.

## A MEMÓRIA DO ETERNO

Publicada em 20 de março de 2009, no caderno 2 do jornal *O Estado de S. Paulo*, a crônica *Dormindo em pé, com meus sonhos*, de Milton Hatoum, conta a história do seu Estevão. Nonagenário, quase centenário, apelidado de Eterno e personagem central da narrativa, esse ancião, ao contrário do Velho da Praça, não possui uma memória exemplar. Aqui já entramos em contato com um personagem aparentemente senil, o qual não goza plenamente das suas faculdades mentais, mas que notadamente ainda possui certos mecanismos referentes à sua memória que são dignos de serem analisados. Essa condição do protagonista já é anunciada no primeiro parágrafo da crônica.

“Você não sabe o que é viver quase um século”, disse Estevão. “Às vezes nem eu sei, porque esqueço minha idade, meu aniversário, e às vezes esqueço que ainda estou neste mundo”. Estevão, que mora numa pensão em Santa Cecília, me contou que os hóspedes — estudantes do interior de São Paulo e do Paraná — o apelidaram de Eterno. Não gostou do apelido: “Eterno é aquele jovem de bermuda que corre todas as manhãs. Eu sou uma estátua de ossos revestida de pele, uma escultura que se desfaz a cada dia.” (HATOUM, 2013, p. 236).

Como é possível notar, o próprio personagem possui uma visão um tanto pessimista sobre a sua idade. Isso é tão grave que ele não liga mais para o estado do seu corpo. “Minha esperança é perder a audição nas próximas semanas. Semanas, não. Meses. Para ser generoso com a minha sobrevivência. Um surdo não ouve tanto disparates” (HATOUM, 2013, p. 238). Esse pensamento do excerto decorre da falta de bom-senso dos inquilinos que insistem em fazer algazarras na pensão. Esse posicionamento do personagem na crônica corrobora com o pensamento de Beauvoir (1970, p. 312) acerca do sofrimento do ancião numa sociedade que não o valoriza. O respeito de outrora, quando os idosos eram vistos como detentores de conhecimento e chefes-políticos de tribos, famílias, deu lugar a um desprezo na contemporaneidade. Estevão, mesmo sendo pai do dono da pensão, não é respeitado.

O pessimismo do personagem é visto pelo narrador como um exagero. Para ele, essa ótica de decrepitude apenas esconde um velho ainda lúcido e de hábitos regulares. Uma prova disso está no fato de que Estevão se lembrava do cenário político do Brasil quando Fernando Collor de Melo era o presidente, e mesmo quando interpelado sobre a qualidade da sua memória, ele se autodeprecia. Isso acontece em várias instâncias na narrativa. A política era um dos poucos ramos em que o pensamento arguto de Estevão se fazia valer. A partir dessa situação envolvendo o ex-presidente da república que sofreu *impeachment* em 1992, temos acesso à forma como o personagem compreende as suas reminiscências.

De repente as mãos dele tremeram, ele me olhou com o rosto contraído e repetiu: “Uma grande vergonha, mais uma bofetada na nossa cara”.

“De que o senhor está falando?”

“Esse homem foi impedido de governar o país e agora foi eleito presidente de uma comissão no Senado. O povo já se esqueceu disso? Já se esqueceu da farsa do caçador de marajás?”

“Que memória admirável, seu Estevão.”

“Minha memória só retém pesadelos”, ele disse, entortando a boca. “Quando estou com sorte, lembro cenas de prazer, lampejos...”

(HATOUM, 2013, p. 236).

Essa acepção trazida lembra muito a ideia de lembrança-pura, de Bergson (2011), a qual percebe esse tipo de memória como um fenômeno instantâneo, obliterado pela passagem do tempo e único no instante em que surge, tal qual os lampejos e fragmentos retidos pela memória do Eterno. Já não temos o caso de outrora, em que a memória era processo de refacção. Isso mais se assemelha à memória-sonho, ou uma memória-pesadelo, se for seguir a assertiva do personagem da crônica. Uma particularidade dessa configuração está nas ferramentas que Estevão utiliza para poder se lembrar. Na

ausência de alguns recursos, ele cria estratagemas, como o caso da caderneta que ele utiliza durante uma das conversas com o narrador.

Na última visita, quando me revelou seu apelido, disse que anotava numa caderneta tudo o que devia fazer, “como ao personagem do romance do escritor colombiano. O bigodudo”.

“Eu me identifico com aquele velho enamorado”, ele disse. “Com duas diferenças: tenho sete anos a mais e não tenho mulher, jovem ou velha, alegre ou triste. E para que teria? Da cintura para baixo sou imprestável, inútil”. Disse isso enquanto olhava uma hóspede loira, quase nua no calor amazônico daquela tarde paulistana.

“Eterno, você está tão elegante”, disse a moça.

“Uma hóspede de Campinas”, ele observou, folheando com zelo a caderneta até encontrar o que procurava. (HATOUM, 2013, p. 236).

Provavelmente, podemos inferir que o escritor colombiano mencionado é Gabriel García Márquez. No caso da caderneta, é possível que Estevão esteja se referindo a uma passagem da obra *Cem anos de solidão*, em que, na cidade fictícia de Macondo, uma peste insone assola a população e faz com que os seus cidadãos comecem a se esquecer da sua própria história, e até mesmo das palavras que nomeiam as coisas. A solução encontrada foi anotar o nome de tudo o que havia para que aqueles atingidos pela doença pudessem se lembrar, ou pelo menos associar o nome ao objeto. Na crônica analisada, o Eterno faz isso para conseguir reter fatos recentes, mas utilizando um pequeno caderno para as suas anotações. Por meio dessa espécie de muleta, que lhe serve de gatilho para as memórias recentes, seu Estevão consegue administrar o seu cotidiano.

Ademais, incapacitado da cintura para baixo, o Eterno vê-se numa situação em que apenas se pode sonhar. A crônica tem seu desfecho com o relato das aventuras do nonagenário que, à espreita, sai escondido e vai ouvir os sons produzidos por um casal à noite num dos quartos da pensão. Isso torna nítida a necessidade de Estevão de vivenciar experiências que o tempo lhe tirou. A memória de um ancião impotente precisa de um vínculo externo, tal qual a caderneta. No caso da própria libido, o Eterno necessita de gatilhos sonoros para trazer lembranças de situações que há muito tempo não eram vivenciadas por ele.

“Aos sábados uma hóspede... Uma mocinha dorme com um rapaz. Hoje à noite, por exemplo...”

“O que vai acontecer?”

“Eles vão namorar. Escuto uma conversinha em voz baixa, um sussurro que vem do fundo da noite. Depois escuto uns sons maravilhosos, como se eu estivesse em outro mundo, mas é eles que estão. Ou nós três. Sons que vão crescendo, até encher o quarto deles, o corredor, a casa, Santa Cecília, o centro de São Paulo. Gemidos e risadas agudas, graves.”

“Toca o sino?”

“Não. Isso nunca. Saio do meu quarto na ponta dos pés, que nem um ladrão, ou um cego. Encosto a cabeça na porta do quarto do casal e fico ali, dormindo em pé, com meus sonhos.” (HATOUM, 2013, p. 238).

A noção de memória atrelada a sons e outras experiências organolépticas presentes na configuração da memória do Eterno é algo passível de aproximação da leitura que Benjamin (2010, p. 37) fez das obras de Marcel Proust. A memória involuntária, para o teórico, é dada pelo inter cruzamento entre a reminiscência (interna) e o envelhecimento (externo). Os odores, tão presentes nos volumes de *Em Busca do Tempo Perdido*, assim como outros gatilhos sensoriais, permitiam que Marcel (personagem) regressasse a determinados momentos do seu passado. Disso resulta a transmissão de experiências, mas de maneira arbitrária. Em Proust, o protagonista não tem a intenção de rememorar, mas involuntariamente acaba trazendo à tona uma lembrança que aparentava estar esquecida. Na crônica de Hatoum, a tentativa de rememoração já parte de um propósito de certa forma voluntário, mas ainda assim com gatilhos advindos de experiências sensoriais. Essas tentativas conscientes de trazer pelo som memórias do passado têm um único objetivo: ressuscitar a já então exaurida libido de seu Estevão. Processos que possuem similitudes com Proust, mas com intenções e contextos dessemelhantes.

Dessa configuração e apanhado de fatos, conseguimos perceber que a memória dos mais velhos funciona de um modo diferente. A ociosidade disponível possibilita-os, como afirma Bosi (1994, p. 26), a pensar sobre assuntos que, normalmente, um adulto atarefado não teria. Estevão tem à sua disposição tempo para refletir sobre a condição política, a história, sua própria sexualidade, além da condição da sua memória, já desgastada pelos anos, mas ainda capaz de lhe fornecer lembranças, mesmo que fragmentadas. O Eterno é um sobrevivente, um quase-centenário que cumpre a sua função social de propagador de histórias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enveredar por um gênero controverso, dentro das produções de um cronista dito tardio, tecendo reflexões sobre um assunto tão especulativo quanto a memória não é uma tarefa fácil. Acreditamos que os apontamentos aqui feitos podem abrir caminhos para uma pesquisa mais aprofundada com esse objeto. A coletânea *Um Solitário à Espreita* possui 96 narrativas das quais apenas duas foram utilizadas por nós. Restam 94 à espera de perquirição. Isso sem contar que a obra já não compreende todas as produções do autor, posto que ele ainda escreve periodicamente para *O Estado de S. Paulo*. Isto é, o *corpus* tende a crescer ainda mais.

Ademais, pudemos perceber, a partir das nossas pesquisas, que a crônica enquanto gênero ainda carece de uma certa atenção. A sua flexibilidade e hibridismo tornam-na um tipo de texto literário fugaz e, por isso, controvertido. Graças à verve literária das crônicas de Hatoum, não foi preciso palmilhar por discussões afins, mas, na possibilidade de uma reinvenção de estilo, ainda poderemos encontrar produções do escritor que precisem de novos vieses de análise. Tudo é possível para as crônicas e suas fronteiras pouco rígidas. Por fim, as memórias de velho observadas nas duas crônicas possuem particularidades que, devido ao nosso foco, não puderam ser trabalhadas a fundo. Esse é um campo aberto a muitas possibilidades.

Além disso, a memória pode partir de personagens mais jovens, ou que possuam um tipo de configuração memorialística que destoe das que pesquisamos. Um espaço imensurável que se abre para aqueles que estiverem dispostos a entender os mecanismos inerentes à maneira como o ficcionista produz o seu universo literário. A necessidade de pesquisas que façam uso de objetos pouco explorados só vem a fortalecer a variedade de trabalhos acadêmicos que tentam fugir do que já foi desgastado pela crítica literária e empreendem o caminho inverso: procuram novos *corpus* e *corpora* que verdadeiramente tornam possíveis a criação de novas perspectivas.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**: a realidade incômoda. Tradução: Heloysa de Lima Dantas. Difusão Europeia do Livro: São Paulo, 1970.
- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: **Magia e técnica, arte e política**. Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 2010
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de ler**: crônicas. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003, pp. 89-99.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Global, 1997.
- D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto**: prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 1995.
- FERREIRA, Simone Cristina Salviano. **A crônica**: problemáticas em torno de um gênero. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, p. 158. 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Centauro, 2006.

HATOUM, Milton. **Um solitário à espreita**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como texto literário**. 8. ed. São Paulo: Com-Arte. EDUSP, 1990.